

A Alteridade como aspecto comunicativo na construção da narrativa jornalística: um estudo das reportagens de Antônio Callado sobre o Vietnã do Norte¹

Lilian Juliana MARTINS²
Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP

Resumo

Desdobramento do projeto de pesquisa de Doutorado do programa de pós-graduação em Comunicação Midiática da Unesp, este trabalho apresenta como as estratégias enunciativas da produção jornalística de Antônio Callado possibilitam o reconhecimento da alteridade, aspecto indicado por Ciro Marcondes Filho, em sua Nova Teoria da Comunicação, como fundamental para o acontecimento comunicacional. Para o estudo dessa perspectiva, o artigo tem como objeto a reportagem de Antônio Callado sobre o Vietnã do Norte, publicada pelo Jornal do Brasil, em 1968. Os estudos de Antônio Fausto Neto e de Eloísa da Cunha Klein sobre autorreferencialidade e jornalismo e as reflexões filosóficas de Paul Ricœur, Merleau-Ponty e Mikel Dufrenne sobre alteridade colaboram para a tentativa de elucidar a técnica do jornalista e reforçam as possibilidades para o estudo conceitual e para a prática da reportagem.

Palavras-chave: Antônio Callado; reportagem; alteridade; autorreferencialidade.

Antônio Callado era repórter do Jornal do Brasil quando a Guerra do Vietnã estampava as capas dos jornais pelo mundo desde o começo da década de 1960. A nação do Sudeste Asiático estava dividida em duas: de um lado, o sul dirigido por Ngo Dinh Diem, apoiado fortemente pelos Estados Unidos, de outro, o Vietnã do Norte, a oposição comunista e guerrilheira, que organizou a Frente para a Libertação Nacional, o Vietcongue.

O que as agências internacionais traziam sobre o conflito era que, contrariando todas as expectativas, o Vietnã do Norte resistia às investidas americanas. Em 1964, 21 mil soldados norte-americanos guerreavam nas terras vietnamitas. Quatro anos mais tarde, o número de soldados dos EUA atingia a marca de 550 mil. Os vietcongues lutavam, com unhas e dentes, contra seus invasores.

Na tentativa de entender como agricultores estavam conseguindo enfrentar a maior potência bélica do mundo, Callado empreendeu uma negociação diplomática que durou

¹ Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Lilian Juliana Martins é doutoranda do programa de Comunicação Midiática da Universidade Estadual Paulista - Bauru, sob orientação do professor Dr. Marcelo Magalhães Bulhões. Email: lilian.juliana@gmail.com

meses para ser o primeiro e único jornalista da América Latina a pisar no Vietnã do Norte e contar o que estava por trás dos números que chegavam pelas agências internacionais de notícias.

O ano era 1968. O Brasil, às vésperas do Ato Institucional de N° 5, vivia sua Ditadura Militar respaldada pelos EUA. O engajamento de Callado e, conseqüentemente do Jornal do Brasil, para entender a estratégia dos vietnamitas do Norte era também ideológica. Ao tentar entender a resistência à ofensiva militar norte-americana, Callado indicaria caminhos para a resistência também em solo latino-americano.

As perguntas que direcionaram Callado no Vietnã estão na primeira página da reportagem publicada pelo Jornal do Brasil e posteriormente reunida no livro "Vietnã do Norte: Advertência aos Agressores":

Como conseguiram os vietnamitas derrotar completamente uma grande potência da Europa Ocidental, a França, em 1954, e como conseguiram levar os americanos à mesa de conferência, em Paris, em 1968? Foi o que procurei descobrir no Vietnã, como repórter profissional, falando a todo o mundo, perguntando diretamente aos dirigentes de Hanói, a heróis de guerra, questionando indiretamente gente do povo, camponeses em arrozais e roças de mandioca, pilotos americanos no cárcere. Ouvi o troar do incessante bombardeio americano perto do Paralelo 17, presenciei cenas severas, doces, divertidas. (CALLADO, 1977, p.15).

Depois de atravessar o mundo e todos os impeditivos burocráticos que se colocaram em seu caminho, Callado estaria diante de outro desafio, dessa vez, de ordem subjetiva: como descrever o conflito? Qual estratégia discursiva utilizar para retratar os personagens e as histórias que ouviu e presenciou?

Familiarizado com a literatura - *Quarup*, sua obra ficcional mais referenciada, foi lançada um ano antes de sua chegada no Vietnã -, Callado escolhe contar o que viu numa narrativa em primeira pessoa. Ao contrariar a fórmula tradicional da neutralidade do jornalismo, o jornalista reforça sua estratégia em apresentar sua perspectiva sobre a situação. Também é perceptível em sua reportagem a utilização de recursos que aproximariam seu texto de uma obra literária.

Ao fazer a escolha pela utilização dos recursos da literatura, o repórter possibilitaria uma densidade interpretativa para sua obra fincada na alteridade³, ou seja, na natureza ou na

³ A alteridade que trabalhamos está localizada no sentido filosófico. Por essa perspectiva, a alteridade se colocaria como um caminho para evocar o descobrimento da concepção do mundo e dos interesses de um "outro".

condição do que é do outro. Para o teórico *Ciro Marcondes Filho*, essa alteridade a ser despertada no receptor da mensagem seria aspecto fundamental para que a comunicação consiga existir.

As páginas que seguem tentam identificar, em que medida, a reportagem de *Antônio Callado* apresentaria essa dimensão da alteridade. Aqui, colocamos luz a essa experiência jornalística na tentativa que ela seja um objeto fecundo para a investigação e para a prática da reportagem.

O "tranco estético" dos recursos literários para alteridade

Em sua *Nova Teoria da Comunicação*, sintetizada em seu livro "*O Rosto e a Máquina*", *Ciro Marcondes Filho* explica que a maioria das informações que chegam até nós não necessariamente comunicam. Com base em ideias e interesses preestabelecidos, decidimos qual informação será ou não apreendida por nós. É uma ação deliberada e consciente. "Vou buscar aquilo de que necessito, como se fosse um alimento. E ingiro exatamente aqueles alimentos espirituais que me convêm, que eu aprovo, que estão em consonância comigo. Os que não me interessam, eu recuso, abandono, ignoro". (MARCONDES FILHO, 2014, p. 14). Por essa perspectiva teórica, a comunicação, por outro lado, criaria um novo sentido.

O que acontece com a comunicação é que alimentos aparentemente indesejáveis acabam sendo ingeridos: fatos, dados, notícias, especialmente quando trazidos por pessoas de minha confiança e respeito, acabam minando certezas anteriores que eu tinha a respeito da moral, da política, da estética, dos gostos etc. E eu mudo porque confio na fonte, porque sei que não tem interesses escusos. E essa mudança ocorre de um golpe: a partir de agora já penso diferente. (MARCONDES FILHO, 2014, p. 14).

A partir da definição do que seria comunicação, o teórico explica que ela acontece de duas formas opostas: ou ela é repetida e renovada até quebrar nossas resistências (os processos educacionais se encaixariam nessa primeira forma) ou ela acontece por um choque inicial que nos coloca de frente com um fato transformador, que vamos digerindo lentamente até entendermos o novo sentido do que nos arrebatou. O choque inicial ocorre especialmente com os fatos estéticos.

Por essa via, a comunicação, como afirma *Ciro*, não é uma ocorrência constante. Para comunicar algo, imagens, cenas e movimentos possuem três caminhos possíveis. O primeiro estaria relacionado à correção ou uma atualização de nossos pressupostos. Como

exemplo, o teórico cita a frase do líder revolucionário italiano Antonio Gramsci: "Como posso querer amar a humanidade toda se, em vida, não consegui amar a um único ser humano". Ao ler tal frase, seria possível recompor a concepção do mito e de seu trabalho. O segundo caminho seria a "aculturação". Por essa via, ao saber que *Cidadão Kane* é um bom filme, por exemplo, seríamos influenciados a receber a obra, a deixar que ela se comunique conosco, por convencionalmente ser vista como uma produção distinta. Finalmente, o terceiro caso sugeriria uma verdadeira agressão produtiva sobre nós. "É o tranco estético que, sem ajuda dos outros apoios, nos fere pela própria aparição e existência".(MARCONDES FILHO, 2014, p. 14).

A reportagem de Callado sobre o Vietnã do Norte, pela utilização de recursos literários e pela acuidade na utilização da autorreferencialidade (como veremos a seguir) se apresentaria como um "tranco estético" capaz de comunicar sobre uma realidade com vistas para a alteridade. Marcelo Magalhães Bulhões, em seu livro "Jornalismo e Literatura em Convergência" (2007), fala sobre o potencial da literatura para a produção de sentidos em um texto:

Uma das maneiras de compreender o poder de atração da literatura é vê-la como um receptáculo de nossas necessidades de fantasia. É como se ela nos sinalizasse com uma espécie de permissão: a de ser por excelência território da imaginação e do desejo, espaço exilado das obrigações e dos limites que cerceiam nossa vida cotidiana. A literatura seria, pois, uma instância em que sintonizamos a frequência de nossas necessidades psíquicas de ficção. A literatura não é o único, claro, mas um dos caminhos mais generosos para esse exercício. (BULHÕES, 2007, p. 167).

Ao utilizar características literárias em seu texto, Callado conseguiria dialogar com "nossas necessidades psíquicas de ficção". Vejamos essa possibilidade ao analisar trecho em que aparece o fluxo de consciência⁴, recurso comum à literatura. O fragmento apresenta a primeira personagem da reportagem, a jovem de 24 anos, Nguyen Thi Hang, "uma veterana em derrubar avião e prender piloto", segundo Callado.

Na província de Thanh Hoa, a 150 quilômetros ao Sul de Hanói, falei de heroísmo diretamente com uma dona do assunto (...). Perguntei-lhe se não tivera medo no seu primeiro combate quando tinha 20 anos de idade. Thi Hang se lembrava bem da data de 3 de abril de 1965. E da hora: 2 da tarde. E dos velocíssimos B-52 vindos de todas as direções convergindo sobre a ponto de Ham Rong (Mandíbula de Dragão) no Song Ma (Rio do

⁴ Fluxo de consciência é uma técnica literária introduzida por James Joyce, em que o monólogo interior de um ou mais personagens é transcrito. Nesta técnica, a narrativa apresenta-se como um fluxo de consciência que intercepta presente e passado, quebrando os limites espaço-temporais. No fluxo de consciência há uma quebra da narrativa linear, onde já não é tão claro distinguir entre as lembranças da personagem e a situação presentemente narrada. Na literatura brasileira, a obra de Clarice Lispector é ilustrativa sobre a técnica.

Cavala). Lembrava-se da tensão de esquecer a presença das outras milicianas ao lado. Mas o que tinha sentido? Me pediu um momento para pensar. Um momento. Não se lembrava. Ouve o ruído ensurdecedor dos jatos passando por cima das baterias das bombas. Nguyen Thi Hang se lembrava de que, passada a primeira vaga do ataque, a ponte continuava intacta mas a aldeia mais próxima, sua aldeia, ardia em chamas. Então pensou nas crianças e nos velhos da aldeia, no arroz da sua cooperativa. Disto se lembrava. E, a seguir, da determinação, do ódio com que esperou que chegasse à sua alça de mira o próximo avião americano. (CALLADO, 1977, p.16).

O fragmento quase cinematográfico chama a atenção especialmente para o trecho em que a jovem pede um momento a Callado para se lembrar se sentiu medo no seu primeiro combate: "Me pediu um momento para pensar. Um momento. Não se lembrava. Ouve o ruído ensurdecedor dos jatos passando por cima das baterias das bombas". Ao iniciar um novo período como se estivesse acompanhando o fluxo de consciência de Thi Hang (é possível ouvir os jatos ensurdecedores que a jovem ouviu como se fossemos ela), Callado mostra sua habilidade na utilização de recursos literários para a aproximar o leitor de sua narrativa e fazê-lo se conectar à situação e à própria perspectiva do personagem. Uma experiência estética capaz de relacionar ao mesmo tempo sujeito (quem lê o texto) e objeto (texto lido).

Seria a estética capaz de colaborar para elucidar as estratégias enunciativas presentes no texto de Callado? Sim, principalmente porque a estética, comumente relacionada ao campo da arte, remete a algo mais abrangente. Estética se origina do termo grego *aesthesis*, que significa sensível. Dessa forma, a percepção estética abrangeria uma série de fenômenos ligados à dimensão da sensibilidade. Como nos explica Alice Casanova Reis (2011, p.76), "[...] a experiência estética se configura a partir da percepção sensível envolvida na criação ou na contemplação de um objeto estético".

Baseada na fenomenologia de Mikel Dufrenne e Merleau-Ponty, Reis (2011, p.78) explica que o que permite essa "estada no objeto", como na possibilidade apresentada pelo trecho de Callado em estudo, é a percepção estética em que há abertura e "[...] entrega do sujeito a um mundo sensível que o convida não a decifrá-lo, mas a senti-lo. A partir dessa sensibilidade imaginativa, é possível imergir nos mundos possíveis do objeto. Essa experiência nos abre para aquilo que não somos e nos coloca em contato com o novo, com aquilo que é inédito, com a alteridade, enfim.

Desse modo, é uma experiência que proporciona aos sujeitos expandir seu olhar diante da realidade, transcendendo os esquemas perceptivos que condicionam nosso

olhar cotidiano, quase sempre mediado por preconceitos e crenças limitadoras (...). Essa abertura à diferença, ao novo, é essencial para que os sujeitos reconheçam a possibilidade de mudança, e qualquer transformação social começa por uma mudança de perspectiva, um esforço individual e coletivo para enxergar possibilidades mais satisfatórias de construir nossas próprias vidas, nossas relações sociais, nosso trabalho, nosso presente e nosso futuro. (REIS, 2011, p. 78).

O "outro" é entendido como aquele que se coloca diante de nós para confrontar nossa visão de mundo limitada e insuficiente. Ciro Marcondes Filho afirma que a comunicação só é possível quando trocamos a relação do "eu-isso" para o "eu-tu". "Tu" é, pela perspectiva do teórico, qualquer ser (um texto, um filme, uma flor, uma obra de arte) que esteja presente face a face. De forma com que se crie uma relação com o tal ser. Explica Ciro:

O formato eu-isso é o caminho da ciência, da filosofia, dos saberes em geral, mas também das religiões, do misticismo, da hermenêutica. Já o formato eu-tu é o da iluminação provocada pelo elemento sensível, pela percepção sensorial do outro, pelas linguagens mudas da emoção, dos caminhos da arte, da literatura, da expressão estética em geral, pelo "deixar-se apanhar". Assim, o isso pode tornar-se um tu. (MARCONDES FILHO, 2014, p. 14).

O sentido do "eu-tu" também está na filosofia de Paul Ricoeur. "Si-mesmo como o outro", título de sua obra fundamental, revela os sentidos desse outro que é fundamental para a descoberta de quem somos. Segundo Hélio Salles Gentil, pesquisador do filósofo, o sujeito em Ricoeur é "[...] um sujeito justamente atravessado e constituído pela alteridade (...). Um sujeito que só pode se conhecer por meio das múltiplas mediações, principalmente pelas obras da cultural que produz e se reconhece" (GENTIL, 2011, p.9).

Ciro Marcondes Filho demarca a comunicação justamente como o campo em que se estabelece o conhecimento do outro, o que o diferencia e também o aproxima, para a descoberta e nós mesmos. "A comunicação é isso e apenas isso: a capacidade de romper a redoma dos nós mesmo, o círculo fechado de nossa autossuficiência, e buscar o outro, conhecer sua alteridade, sua especificidade em relação a mim, sua estranheza". (MARCONDES FILHO, 2014, p. 14).

O "outro", o "eu-tu", em Vietnã do Norte é apresentado a partir de uma aproximação de Callado com as realidades que encontra e da forma como escolhe narrar sobre os personagens. No trecho a seguir, as falas das crianças e do professor apresentam o "tu" da Guerra do Vietnã.

Na escolinha primária de Hoang Loc, da província marítima de Thanh Hoá, o professor iniciou a aula prática de Pronto Socorro. Os meninos e meninas tiraram da sacola o algodão, a gaze, o desinfetante.

- Que é hemorragia? - perguntou o professor.
- É quando a gente se machuca e sai sangue - disse um garoto.
- Como é que isso pode acontecer?
- Quando a gente entra num bambuzal correndo e se arranha.
- Quando a gente brinca com faca e se corta - disse outra.
- Avião americano - disse um menino.
- Sempre que for possível - disse o professor - vocês devem ir ao hospital fazer um curativo direito. Mas vocês precisam se habituar a estancar o próprio sangue, ou de algum colega, quando a hemorragia for grande ou quando não puderem ir logo ao hospital, como durante um ataque aéreo (...).

A escola que eu visitava era um amplo telheiro de palha de arroz, erguido abaixo do nível do solo, entre taludes protetores. (CALLADO, 1977, p.16).

O fragmento nos coloca face a face com esses sujeitos que têm como rotina os ataques aéreos americanos. Um "outro" que nos atravessa, via alteridade, e questiona o "reinado feliz do meu ego", como aponta Emmanuel Levinas. O trecho também apresenta Callado na reportagem: "A escola que eu visitava". É sobre a autorreferencialidade que falaremos a seguir.

Autorreferencialidade para alteridade

Para o estudo da autorreferencialidade na reportagem "Vietnã do Norte", e como ela contribui para efeito de alteridade discutido nesse projeto, é válido mencionar sobre a forma tradicional de se fazer jornalismo: com objetividade e imparcialidade. Sobre esse aspecto, Bulhões (2007) faz seu comentário quanto ao aspecto pretensioso do jornalismo em se dizer imparcial.

De modo provocativo, pode-se dizer que o jornalismo possui uma natureza presunçosa. Definindo-se, historicamente como atividade que apura acontecimentos e difunde informações da atualidade, ele buscaria captar o movimento da própria vida. Seria da natureza do jornalismo tomar a existência como algo observável, comparável, palpável, a ser transmitido como produto digno de credibilidade. Com isso, prestaria - ou desejaria prestar - uma espécie do testemunho do "real", fixando-o e ao mesmo tempo buscando compreendê-lo (...). E quando se desconfia da "usurpação da verdade" ou quando determinado veículo de imprensa é acusado de "manipular" a informação, implicitamente reconhece-se que a função e a natureza do jornalismo estão na apuração dos acontecimentos, no esforço pela "isenção" e pela "imparcialidade" diante do mundo concreto. Assim, para a atividade jornalística prevalece a noção de que a linguagem é meio, é medium, e não fim. (BULHÕES, 2007, p. 167).

Antônio Fausto Neto (2007) assinala que é a forma com que o jornalista decide operar sua linguagem determina as possibilidades de produção de sentido de um texto. Duas possibilidades se colocariam para o jornalista: a "dimensão instrumental" e a "dimensão construcionista" da linguagem. Por meio da "dimensão instrumental", a linguagem estaria apenas a serviço do "ato de fala", sem considerar as subjetividades existentes no momento em que se decide por um ou outro caminho. É nessa primeira dimensão que reside a maior parte dos textos jornalísticos caracterizados como neutros e objetivos.

Fausto Neto exemplifica essa perspectiva com a matéria jornalística do correspondente do New York Times no Brasil que acusou o então presidente Lula de hábitos alcoólicos. Quando chamado à Justiça para defender sua versão, o jornalista declarou: "O artigo limita-se apenas a veicular comentários, não conhecendo nenhum juízo de valor do próprio requerente" (*in* FAUSTO NETO, 2007, p. 79). Sobre sua declaração, o autor comenta:

Ou seja, confessa a noção de linguagem apenas como um *meio*, ao "desconhecer" que a construção do texto passa por complexas operações, pois é dele enquanto enunciador ao escutar pessoas (fontes), ao selecionar materiais, extrair seus fragmentos e agrupá-los no seu próprio texto. Naturaliza seu trabalho, ao "camuflar" seu processo produtivo. (FAUSTO NETO, 2007, p.79)

Do outro lado, se coloca a "dimensão construcionista" como aquela que entende o sujeito falante da enunciação jornalística imerso em complexas relações de operação da linguagem. Para explicar tal dimensão, Fausto Neto lembra que as decisões para a construção de um texto jornalístico não se fazem no vazio. Elas se acoplam e se subordinam a complexas situações demarcadas pela subjetividade. Além disso, ao possibilitar aos leitores perceberem o processo produtivo pelo qual passou a reportagem, seria possível, segundo o autor, transformá-los em "co-sujeitos" do ato discursivo. Eloísa Joseana da Cunha Klein (2013)⁵ assinala de que forma a autorreferencialidade contribui para ampliar as leituras possíveis a partir de uma única pauta.

Entendemos que, ao tratar do que "se fez para fazer", os textos midiáticos terminam por fazer outras coisas e exploram a redação contínua com as características contextuais de tempo, sociedade, instituição, com as implicações técnicas e materiais e com as pessoas com as quais interage. (KLEIN, 2013, p.2)

⁵ Os estudos de Antônio Fausto Neto, assim como os de Eloísa Joseana da Cunha Klein, que será referenciada em seguida, tratam especialmente da autorreferencialidade nas reportagens televisivas. Em tais estudos, o programa "Profissão Repórter" da Rede Globo é o principal exemplo. Apesar dessa especificidade, tais análises, que consideram o as estruturas formais e tradicionais do fazer jornalístico, abrem espaço para uma dimensão analítica que também se aplica em reportagens impressas.

As marcas da autorreferencialidade no texto de Antônio Callado localizam sua produção dentro dessa dimensão "construcionista". Ao apresentar os "bastidores" de sua reportagem, novas leituras são apresentadas. O trecho a seguir exemplifica os elementos autorreferenciais de Callado no texto:

Diante de mim sentou-se um administrador local, da nacionalidade Muong. Perguntei-lhe por que estavam tão viçosas as lavouras numa província tão castigada pelos franceses até 1954, e pelos americanos, a partir de 1964. Ele bate a cabeça, fita pensativo, no terreiro da aldeia, o sino que convoca os habitantes para reuniões ou repica o alarme antiaéreo. O sino é a parte superior de uma bomba que não explodiu.

Indago se é uma bomba americana e meu intérprete de todos os momentos traduz:

- Sim, mas jogada pelos franceses no tempo de Dien Bien Phu. Bomba de auxílio americano.

Estou diante dele, sentado no chão, meu livro de apontamentos aberto. Ele tira do bolso com orgulho um livro de apontamentos.

- Nós éramos, aqui, analfabetos 99 por cento. Eu também era. Quem sabia ler lia vietnamita porque nossa língua não tinha nem escrita. Agora você pode parar na estrada e perguntar que todo mundo sabe ler. E temos nossa escrita também. (CALLADO, 1977, p.17).

Callado usa a primeira pessoa para narrar o diálogo com o administrador local: "Diante de mim sentou-se", "Perguntei-lhe por que", "Indago se é uma bomba", "Estou diante dele". Ao planejar as produções de sentido possíveis do seu texto, o jornalista conta que está com seu livro de apontamentos aberto. A intenção é sublinhar o que narra a seguir: "Ele tira do bolso com orgulho um livro de apontamentos". O objeto comum aos dois iguala entrevistador e entrevistado, em uma relação de alteridade "eu-tu", quanto ao conhecimento adquirido. Com a mobilização nacional para levar educação para todos, as informações compartilhadas sobre o aprimoramento das práticas de plantio garantiram as lavouras viçosas.

A autorreferencialidade também colabora para o acontecimento comunicacional apontado por Ciro Marcondes Filho quanto ao sentido de confiança que ela sugere. Como vimos, a abertura para opiniões novas, via fato estético ou não, é facilitada se confiamos na fonte que as reverbera. Por utilizar a primeira pessoa, Antônio Callado apresenta uma "senha" de confiabilidade para o leitor. É como se, por meio de sua reportagem, o repórter nos dissesse: "Eu estive lá. Este é o meu testemunho sobre o Vietnã do Norte"

Não à toa, o começo de sua reportagem, como já mencionado na primeira citação, no começo deste trabalho, apresenta os caminhos que ele percorreu como repórter profissional, "(...) falando a todo o mundo, perguntando diretamente aos dirigentes de Hanói, a heróis de guerra, questionando indiretamente gente do povo, camponeses em arrozais e roças de mandioca, pilotos americanos no cárcere. (CALLADO, 1977, p.15). Ao contar o que fez para fazer sua reportagem, Callado nos entrega uma chave de confiança sobre o que conta. Para além da alteridade estabelecida com os personagens de sua narrativa, o "eu-tu" aqui também se estabelece com o repórter.

A capa da primeira edição do livro "Vietnã do Norte: Advertência aos Agressores", editado um ano depois da publicação da reportagem no Jornal do Brasil, é bastante significativa também quanto às marcas autorreferenciais que Callado apresenta em sua produção. A foto escolhida para ser capa do livro traz o jornalista com a cabeça baixa ao lado de uma mulher vietnamita que segura um fuzil. Símbolo da resistência no Vietnã do Norte, a figura da mulher aparece em todo percurso da reportagem.

Na foto, Callado, muito mais alto que a mulher que está ao seu lado segurando um fuzil, parece fazer uma reverência ao "outro" que ele conheceu e que ele apresenta aos seus leitores a partir de seu testemunho.

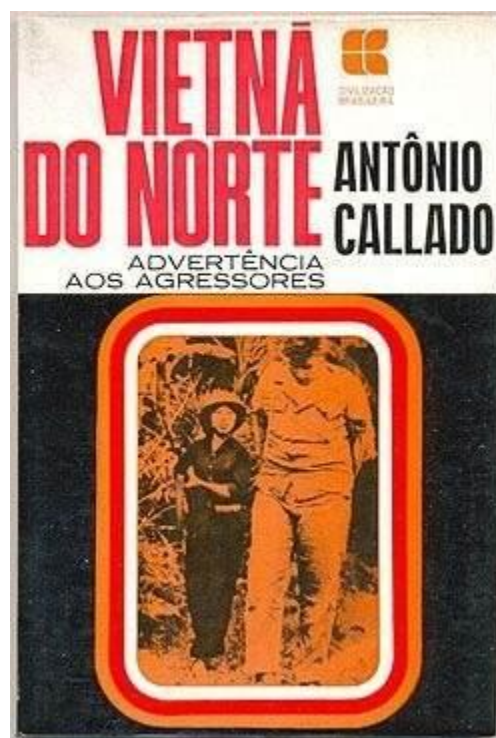


Figura 1. Capa da primeira edição de "Vietnã do Norte. Advertência aos Agressores", publicado pela Civilização Brasileira, em 1969. Como leitura possível, Callado estaria abaixando a cabeça em sinal de respeito à realidade do "outro".⁶

O jornalista Joel Silveira, que assina a orelha da edição do livro em questão, destaca a honestidade de Callado em deixar claro em seu texto de que se trata de um registro baseado em sua perspectiva pessoal.

O repórter Antônio Callado se conduz, nos seus contatos com a terra e a gente vietnamita, bem como na sua maneira de observar as motivações e a estratégia da fabulosa luta popular, como um pintor impressionista diante da paisagem ou da figura que tem diante dos olhos e que tocou sua sensibilidade. Nada do que vem contado neste livro, que não receio em incluir entre os mais importantes que já foram escritos, em todo o mundo, sobre o drama do sudeste asiático, traz a marca da inautenticidade, da montagem engenhosa, da falsificação bem composta. Pelo contrário, não só pela crueza do que retrata, mas, principalmente, pela exata apreensão dos tons daquilo que foi retratado, as reportagens de Callado que forma o presente livro lembram mais as foto-reportagens de um Cartier-Bresson. (SILVEIRA *in* CALLADO, 1969).

As definições "montagem engenhosa" e a "falsificação bem composta" de Joel Silveira reforçam o entendimento da "dimensão instrumental" da linguagem dos textos jornalísticos que, como já discutido, se constroem a partir da pretensão em alcançar a objetividade. Ao usar as marcas da autorreferencialidade, entendida a partir da "dimensão construcionista", Callado deixa claro ao leitor que, tal qual uma fotografia, sua narrativa é seu enquadramento sobre o Vietnã.

A interpretação que Joel Silveira traz sobre a reportagem de Antônio Callado expõe um último apontamento pertinente para a apreensão da reportagem sob a ótica da Nova Teoria da Comunicação, de Ciro Marcondes Filho. Compreendida como um fenômeno que acontece no receptor, a Comunicação, segundo o teórico, é uma abstração resultante da nossa interação com o outro. Se Joel Silveira associa a reportagem de Callado a um quadro impressionista ou a uma fotorreportagem de Cartier-Bresson, tantas outras leituras e associações sobre a produção podem ser feitas. A interpretação se vincula ao contexto da recepção em que a reportagem foi lida.

O que se deve reafirmar, ao final, é que se "a comunicação só terá mesmo ocorrido se disso advir esse choque, essa violência que nos faz refletir sobre nossa situação, nossas

⁶ CALLADO, Antônio (1969). Vietnã do Norte: Advertência aos Agressores. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

impressões e posições no mundo com os outros" (MARCONDES FILHO, 2014, p. 14), a reportagem sobre Vietnã do Norte, por suas estratégias enunciativas balizadas pela alteridade, se apresenta como objeto instigante para a investigação de como uma produção jornalística pode, de fato, comunicar.

Referência Bibliográfica

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

CALLADO, Antônio. **Vietnã do Norte: Advertência aos Agressores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

_____. **Vietnã do Norte: Advertência aos Agressores**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1977.

CASTRO, G.; GANELO, Alex (Org). **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras, 2002.

GENTIL, Hélio Sales. Paul Ricoeur. A presença do outro. **Mente e Cérebro**. São Paulo. n. 11, p. 7-15.

FAUSTO NETO, Antonio. **Da 'construção da realidade' à 'realidade da construção'**. In: Edição em Jornalismo - Ensino, Teoria e Prática. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

_____. **Enunciação, autorreferencialidade e incompletude**. Revista Famecos. Porto Alegre, nº 34, dezembro de 2007. Quadrimestral. p. 78-85.

KLEIN, Eloísa Joseana da Cunha. **Autorreferencialidade e jornalismo: reflexões teórico-analíticas sobre a processualidade além do discurso intencional da mídia**. XXII Encontro Anual da Compós, Universidade Federal da Bahia, 04 a 07 de junho de 2013.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O Rosto e a Máquina**. O fenômeno da comunicação visto pelos ângulos humanos, medial e tecnológico.

MARTINELLI, Marcos. **Antônio Callado, um sermonário à brasileira**. São Paulo: Annablume; FAI, 2006.

MORAES LEITE, Lígia Chiappini. **Antônio Callado. Literatura comentada**. São Paulo: Abril Educação, 1982.

_____. **Quando a pátria viaja**. Uma leitura dos romances de Antônio Callado. La Habana: Casa de Las Américas, 1983.

REIS, Alice Casanova. A experiência estética sob um olhar fenomenológico. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**; Rio de Janeiro, nº63, p.75-86, 2011